

FRAGMENTARIEDADES DO COMUM: UMA ONTOLOGIA DA CANETA QUE PERFORMATIZA O HOJE

Waldenilson Teixeira Ramos

Mestrando na Universidade Federal Fluminense.

<http://lattes.cnpq.br/2268223482149159>

<https://orcid.org/000-0002-3485-0455>

E-mail: waldenilsonramos@id.uff.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N1-33>

RESUMO: Neste artigo, empreende-se uma reflexão metalinguística sobre a escrita, visando realizar uma aposta epistemológica e política ao explorar as múltiplas facetas da escrita como performance da multiplicidade. A escrita ficcional é analisada no escopo ontológico, tendo como base um projeto de livro intitulado “Fragmentariedades de sentidos para novas conexões”, que fornece os materiais empíricos. A abordagem teórico-metodológica considera a influência de uma multidão, incorporando diversas experiências vividas, memórias e afetos. A escrita é concebida como um processo emancipatório complexo e múltiplo, marcado por retomadas e invenções. A metodologia adotada incorpora a experiência do autor com a escrita, utilizando-a como escopo empírico. A atenção aos sentidos e afecções presentificadas no corpo intensivo é central, alinhando-se à proposta de Deleuze e Guattari. O autor enfatiza não buscar uma escrita centrada no Eu, mas sim uma ficcionalização do comum aos sujeitos modernos, evidenciando os efeitos de verdades. Os fragmentos produzidos pela escrita são entendidos como resultado da interação entre o corpo e o mundo externo, contribuindo para a produção de subjetivação. O reconhecimento da multidão é crucial para o processo, marcando os encontros que levaram a este ponto. Conclui-se que a escrita assume a performance da multiplicidade, seguindo em direção ao devir e às sínteses conjuntivas, realizando cortes e aberturas. A escrita é compreendida como multiplicidade, alinhando-se às contribuições da filosofia da diferença e direcionando-se para uma psicologia social crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Ontologia. Multiplicidade. Experiência. Diferença.

FRAGMENTARIES OF THE COMMON: AN ONTOLOGY OF THE PEN THAT PERFORMATIZES TODAY

ABSTRACT: This article undertakes a metalinguistic reflection on writing, aiming to make an epistemological and political bet by exploring the multiple facets of writing as a performance of multiplicity. Fictional writing is analyzed within an ontological scope, based on a book project entitled “Fragmentariedades de sentidos para novas conexões”, which provides the empirical materials. The theoretical-methodological approach considers the influence of a multitude, incorporating diverse lived experiences, memories and affections. Writing is conceived as a complex and multiple emancipatory process, marked by retakes and inventions. The methodology adopted incorporates the author's experience with writing, using it as an empirical scope. Attention to the senses and affections present in the intensive body is central, in line with Deleuze and Guattari's

proposal. The author emphasizes that he is not looking for writing centered on the “I”, but rather a fictionalization of what is common to modern subjects, highlighting the effects of truths. The fragments produced by writing are understood as the result of the interaction between the body and the external world, contributing to the production of subjectivation. The recognition of the multitude is crucial to the process, marking the encounters that led to this point. The conclusion is that writing takes on the performance of multiplicity, moving towards becoming and conjunctive syntheses, making cuts and openings. Writing is understood as multiplicity, aligning itself with the contributions of the philosophy of difference and moving towards a critical social psychology.

KEYWORDS: Writing. Ontology. Multiplicity. Experience. Difference.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, empreendo um exercício de metalinguagem e meditação sobre a escrita, com o propósito de realizar uma aposta epistemológica que, por conseguinte, assume caráter político. O objetivo central é promover uma reflexão aprofundada acerca das múltiplas facetas potenciais da escrita, enxergando o ato de escrever como uma performance da multiplicidade. Para tanto, submeto à análise a escrita ficcional, considerando sua produção na perspectiva ontológica. Intrínseco a esta reflexão, encontra-se o projeto de livro intitulado “Fragmentariedades de Sentidos para Novas Conexões”, peça crucial por fornecer os materiais empíricos necessários para este trabalho.

Observa-se a escrita como um trabalho de processo emancipatório infinito, interminável, complexo e múltiplo, caracterizado por incessantes retomadas e invenções. Nessa aposta teórico-metodológica, admito, de forma razoável, a influência de uma multidão, composta por indivíduos vistos e experienciados como traços do campo relacional, incluindo memórias e afetos. No desenrolar deste trabalho, aproximo-me e reconheço-me capturado pela seguinte fala: “Escrevemos O anti-Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente” (Deleuze, 2013, p. 11). Nesse gesto da tecnologia escrita, destaca-se a possibilidade de não escrever acompanhado, mas sim a sós, o escritor e uma multidão.

No âmbito múltiplo delineado, realizo e percebo este trabalho como fragmentado, marcado, temporizado, encarnado e impregnado de sentidos. Utilizando minha própria experiência com a escrita, transformo a experimentação em meu corpo no escopo

empírico e na aposta metodológica presente nas linhas e entrelinhas desta escrita (Deleuze; Guattari, 2011). Destaco admissões centrais, evidenciando um exercício meditativo e atenção aos sentidos e afecções presentificadas em corpo intensivo.

Expresso que tudo que escrevo é meu e sou eu, na mesma medida em que transcende a minha individualidade. Não pretendo realizar uma escrita centrada no meu Eu, mas, ao contrário, encontro ficcionalizado em minha carne o que é comum aos sujeitos modernos – efeitos de verdades (Foucault, 2016). Os fragmentos produzidos pelo ato de escrever são consonantes à produção maquínica do presente, onde meu corpo atua como intermediário do mundo externo – campo social, território, relações pessoais e culturais, modalidades de política que me constituem – e do meu processo de invenção de si – produção de subjetivação, linhas flexíveis e de fuga. Assim, aposta-se que todo escritor confere notoriedade à ontologia do comum (Motta; Mizoguchi, 2019) – um corpo como mais uma máquina agenciada à máquina social que tem os sentidos como resíduo/efeito desta operação.

Por fim, afirmo que este processo só é possível mediante o reconhecimento da multidão, a qual marca os encontros que nos trouxeram até aqui. No encontro daquilo que é experienciado, sentido e marcado, onde cada fragmentariedade se configura, a escrita assume a performance da multiplicidade. Quando se indaga sobre a direção e o destino da escrita, uma das respostas possíveis é: em direção ao devir, concomitantemente às sínteses conjuntivas – realizando cortes e aberturas, não se fechando a nenhum dos dois. Na verdade, a escrita segue no vetor de toda diferença: ela é multiplicidade (DELEUZE, 1997).

LUGAR POLÍTICA-HISTÓRICO DA ESCRITA

No que concerne à construção narrativa da humanidade, a escrita conquistou uma notoriedade tão significativa que, ao longo de muito tempo, moldou o discurso epistemológico da história em uma dicotomia entre o período pré-histórico e os subsequentes grandes períodos. Isso fica evidente ao compreendermos que o que é comumente referido como Pré-história representa, na realidade, o trajeto narrativo da história humana fragmentado pela presença da escrita, ou seja, a Pré-história, por um

longo período, foi delimitada como o escopo epistêmico anterior à adoção da escrita. Essa perspectiva foi vigorosamente criticada pelos historiadores modernos, e na contemporaneidade, essa crítica encontra ampla difusão em diversas revistas, incluindo aquelas voltadas para a educação básica.

O termo Pré-história foi criado em 1851 e pretendia designar o período da vida da espécie humana anterior à invenção da escrita. A história seria estudada, portanto, a partir do momento em que surgiram os primeiros documentos escritos. Essa ideia é hoje muito criticada, afinal, os humanos que não sabiam escrever também têm história. Eles viviam, comiam, faziam objetos, se comunicavam. Como já sabemos, não é preciso o documento escrito para a pesquisa histórica. A cultura material também é fonte importante para o trabalho do historiador (DIVISÕES..., 2009-2021, p. 1).

Além das discussões epistemológicas da história moderna, o foco central deste trabalho recai sobre a notoriedade dos efeitos, cristalizações e influências políticas que a escrita pode exercer, promovendo efeitos subjetivantes impactantes presentes no discurso da humanidade.

O ato de escrever se revela como um movimento de multidão desde os estágios iniciais da vida, onde, como integrantes de uma vasta comunidade capitalista, muitos de nós são convocados a desenvolver a tecnologia da escrita. Aqueles que não participam desse suposto convite são frequentemente marginalizados da lógica predominante em nossa sociedade. A Constituição Brasileira de 1988 (Brasil, 1998), no Art. 205, e a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, Art. 26 (UNICEF, 1948), reiteram o direito universal à educação, destacando a aprendizagem de leitura e escrita como um direito fundamental de todo ser humano. Assim, o ato de escrever se apresenta como um elemento crucial para a inclusão e dignidade humana, sendo parte integrante de processos de aprendizagem e compartilhamento que permeiam a constituição ontológica tanto individual quanto coletiva.

Os espaços comuns de aprendizagem são, por natureza, ambientes de constituição do eu que nos atravessam e impregnam nossas existências. A escrita estabelece laços significativos com nossa ontologia, especialmente quando a oportunidade de participação nesse ambiente não é negada por políticas de exceção do Estado.

Esse processo de travessia e constituição do eu ganha destaque ao reconhecermos as escolas, as famílias e todo espaço pedagógico que submete um indivíduo aos signos e códigos linguísticos de uma comunidade como locais de inserção na vida capitalista. A escrita, como tecnologia que inscreve a língua e a linguagem compartilhada, manifesta a constituição da subjetividade do escritor, transformando a força subjetivante em matéria ativa, vivida.

Deleuze (2013) destacou esse fenômeno ontológico do comum em sua escrita, enfatizando a multidão presente, assim como fez ao escrever “O anti-édipo” com Guattari (Deleuze; Guattari, 2011).

Torna-se evidente que a escrita representa a marca em signos de uma multidão presente em nossa subjetividade. Garantir o direito de adquirir a escrita é, portanto, assegurar a possibilidade de expressar a constituição de uma multidão em nós, nos lugares que percorremos, na comunidade que compartilhamos, na língua e linguagem que nos envolvem, nos discursos e verdades que se apresentam. A escrita é a expressão material das forças e linhas segmentares que nos entrelaçam.

O gesto tecnológico da escrita, quando permeado por possibilidades inventivas, desencadeia a força imanente da vida, tornando-se matéria vivível – uma força pulsante no corpo que escreve – e forja uma força intensiva ao ser lida por outro corpo, que se agencia por meio desse texto. Deleuze argumenta que o ato de escrever é um devir, uma abertura, um vir a ser, uma força que se desloca de um corpo, e certamente, em toda a vitalidade da vida, é um inacabamento do que pode se tornar, sem visar à completude de um fim. Em “Crítica e Clínica”, Deleuze (1997, p. 11) enfatiza:

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem da Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível.

É nesse mesmo cenário que o ator político escritor realiza sua performance aberta no grande ambiente teatral do mundo, continuamente produzindo e sendo produzido por afecções da matéria vivida. Dessa forma, a escrita destaca cada vez mais seu caráter duplo vetorial, uma vez que se realiza em um mundo compartilhado por meio de uma língua

comum, podendo ser um gesto tanto para si quanto para o outro. Deleuze (1997, p. 13) reforça essa tese ao afirmar: “Por isso o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo.” Analogamente, Proust (2017), na obra “Em Busca do Tempo Perdido”, evidencia claramente essa operação ao dissertar que o trabalho do escritor é simplesmente uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor para permitir-lhe distinguir o que, sem o livro, talvez nunca experimentasse em si mesmo. Em seu estudo sobre a obra de Proust, Botton (2011, p. 25) faz o seguinte comentário:

Na verdade, todo leitor, enquanto está lendo, é o leitor do seu próprio eu. O trabalho do escritor é simplesmente uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor para lhe permitir distinguir o que, sem o livro, ele talvez nunca fosse vivenciar em si mesmo. E o reconhecimento em si próprio, por parte do leitor, daquilo que o livro diz é a prova da sua veracidade.

Assim, frente a todas as facetas que a escrita pode assumir e à multiplicidade vetorial de seus efeitos na produção de subjetividade, que nela se torna latente, é inegável que ela opera para além da mera comunicação, sendo uma máquina operadora também no campo ontológico. A narrativa do percurso da humanidade foi por muito tempo moldada pela presença ou suposta ausência do ato escrito – algo tão intrínseco a uma camada epistêmica das ciências humanas que permitiu a delimitação de dois períodos: o da história e o antes da história (Pré-história). A escrita é uma tecnologia tão fundamental para a inclusão em nossa comunidade que a falta de acesso aos ambientes pedagógicos pode significar viver à margem da lógica predominante em nossa sociedade capitalista. A escrita é uma força orquestral que atravessa uma multidão de nossas relações e a multidão dentro de cada um de nós – nossas experiências, afecções e as políticas que forjam nossa constituição –, e, portanto, o escritor é o ator político em performance, atuando em um cenário medicinal/terapêutico de si e de quem o lê. A escrita é uma tecnologia fascinante e profundamente subjetiva à humanidade, sempre em suas vias inventivas, em sua vertente criadora; ela transcende a língua que a possibilita e é sempre maior do que o próprio escritor. Portanto, diante das multiplicidades que apresenta e dos efeitos que produz, seria impossível abarcar neste estudo todas as possibilidades da escrita. Assumimos, então, com Deleuze (1997), que a escrita é a performance da alma em matéria ativa; sua grandiosidade é a matéria ativa que performatiza a multiplicidade.

UMA ONTOLOGIA DO PRESENTE: ESCRITA & PERFORMANCE

Daqui em diante, dada a grandiosidade e natureza performática da escrita, voltaremos nossa atenção para seus processos e efeitos, mais especificamente para o que a escrita revela sobre quem escreve e o momento em que um corpo escritor é inserido nela. Em um exercício de autoanálise, tornou-se essencial um olhar atento para o meu eu e a multidão que habita em mim, um processo intrínseco à escrita. Este é o foco central deste trabalho, compartilhar reflexões resultantes de discussões no grupo de pesquisa de iniciação científica “Poéticas e Políticas de Transmissibilidade em Psicologia Social”. O núcleo, pertencente ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), concentra-se na investigação da escrita como processo de subjetivação. A partir de estudos teóricos, explorando as noções de “escrita de si” de Michel Foucault (2001) e de “escrevivência” de Conceição Evaristo (2019), emergiram produções textuais. Nesse contexto, microcontos, poesias ou qualquer outra produção moldada por minhas mãos destacaram-se como forças intensivas que me constituem e expressam as sínteses presentes em mim. Dentre as muitas reflexões que alegorizam os processos ontológicos de criação de si e de libertação, destaca-se a apresentação dos diversos sentidos produzidos pela direção da imagem do espelho.

O espelho, em sua inércia, reflete tudo — replica o engano, inverte o que lhe aparece. Preso a uma parede ou móvel, assume a forma desejada pelo ser humano, imita o engano, reitera a imagem do homem e da mulher. Cativo de um exercício do qual não tem ciência, segue-o à risca com todos os desvios. Sua posição é irrelevante, transformando todo ponto de vista em uma visão — todo ponto de vista é a vista de um ponto. Por fim, fixado em um ponto, permanece ali a menos que uma força o desloque.

Qualquer encontro fractal pode forjar seu apogeu libertino. Encontros com “golpes de martelo” (Nietzsche, 2001, p. 101) ou até mesmo uma brisa suave podem quebrar seu sentido primário — origem de sua ficção. Quando o espelho encontra a força do martelo de ferro ou a leve brisa que o tira do ponto de fixação, suas codificações se quebram em cadeia, caindo ao chão. Restam apenas os fragmentos, suas fragmentações. Este é o momento em que o espelho, por meio de seus fragmentos, torna-se livre para se dispersar, com uma natureza física imprevisível e inominável — assim como as linhas

segmentares de fuga. Não é mais um espelho sólido, e o sentido de sua existência se renova, se forja. Todo esse evento advém daquilo que possibilitou um novo modo de expressão — a expressão do que foi sentido. Um salto em direção a um elemento exterior, que, aparentemente, o destruiu, mas na verdade o fundiu.

A imagem do espelho preso na parede que encontra uma força externa, levando-o a cair e quebrar-se, é uma das noções mais importantes destas reflexões e análise. Através dela, busca-se dar destaque aos efeitos de cristalização de nossa subjetividade — códigos morais e contratos sociais que prescrevem e limitam tudo o que podemos vir a ser. A cena do espelho que vai ao chão e se despedaça é a metáfora dos encontros da vida que deslocam as posições rígidas e imóveis que os efeitos do poder produzem sobre todos os corpos — códigos prescritivos que impregnam as representações de gênero e denunciam que a imagem homem/mulher é enganosa. Essa força que desloca um corpo é certamente uma posição no mundo, existir no mundo é, necessariamente, compreender-se sob a possibilidade de se haver com os encontros; todo encontro no mundo é uma força que marca, move, transforma. Os encontros mais poderosos assemelham-se a golpes de martelo de ferro — um conceito da filosofia nietzschiana — enquanto outros encontros parecem suaves e leves, assemelhando-se a uma brisa mansa — uma ideia da filosofia espinosana (Deleuze, 2020).

Todas essas forças vetorizam a queda ou o possível redirecionamento do espelho, encontrando a potência necessária para deslocar a imagem fixa que o reproduz, levando-o a um impacto em sua existência — momento em que algo novo se cria. O espelho que se quebra ao sofrer o impacto de uma terceira força — a queda, o encontro ao chão — essa força não é do espelho, nem do martelo ou da brisa que o deslocou, mas sim sua possibilidade inventiva — colocar-se verdadeiramente no mundo, fazer-se imundo, ir de encontro à diferença. O evento é claro, o vidro se estilhaça e lança fragmentos para todas as direções, em vários sentidos possíveis. Em quais direções esses fragmentos irão? Pode-se perguntar, e a resposta é “nunca se sabe”. Essa é a força tão presente no devir. A manifestação em estilhaços, fragmentos de si para todos os lados, é o ápice da existência criadora do espelho, em um movimento disruptivo com os códigos prescritivos de seu sentido originário. Os modos inventivos de seus fragmentos direcionam-se a novos sentidos, em direções totalmente sem destino ou de difícil localização.

As sínteses são tudo aquilo que o inconsciente maquínico produz (Deleuze; Guattari, 2011). Ao inconsciente nada falta, tudo é produto de máquinas — por assim dizer, tudo que opera pelos cortes e fluxos são máquinas. Partindo da certeza de que cada encontro é único e impossível de ser repetido, é razoável assumir que, de cada encontro de nossa construção, só temos os restos, os fragmentos, as nossas produções — as sínteses. A máquina mão é produtora também de sínteses escritas. Quando o objeto parcial mão se acopla a uma máquina caneta, que desliza inscrevendo sobre a máquina papel, uma corrente de energia perpassa cada acoplamento, deslizando e deixando marcas na última máquina. Tais marcas são uma produção desejante desses corpos maquínicos que se acoplam. Doravante, uma máquina olho irá agenciar a máquina papel e, nesse momento, um novo fluxo passará a outro corpo máquina. Esse fenômeno certamente traz de novo o cenário que Marcel Proust (2017) outrora defendeu em tese: “O trabalho do escritor é simplesmente uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor para lhe permitir distinguir o que, sem o livro, ele talvez nunca fosse vivenciar em si mesmo” (Botton, 2011, p. 25). Decerto, a tecnologia como resquício de uma máquina é produtora de subjetivação, e nessa operação “o sujeito é produzido como um resto, ao lado das máquinas desejantes, onde ele próprio se confunde com essa terceira máquina produtora e com a reconciliação residual que ela opera” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 32).

Como exercício de experimentação dessa escrita ontológica do comum e manifestação empírica dessa aposta teórica em torno da escrita, confeccionei o microconto seguinte:

“Habitação”

Interior

Ir à rua comprar um pão, nunca é só ir à rua comprar pão. O território se cruza e se amarra. Em cada volta, um laço. Você vai e volta, amarra o cadarço e faz um novo laço. Cidade pequena que faz de cada caminhada uma jornada nos afetos. E assim também se fazem os relacionamentos, refazendo os laços, encontrando com quem antes não se via mais. Ir comprar pão é fazer amarrar o cadarço do sapato, fazendo laços com as próprias mãos.

A caminhada no interior é extensa em seu comprimento: *opa, seu Jorge! E aí, Zé! Opa!* A cada passo dado, centímetros. A cada esquina, metros. Em todo lugar, cumprimentos. *Bom dia, dona Maria!* Andar pelo bairro pequeno é se colocar na imensidão de uma rede. Rede que não se mede, mas em seu comprimento só há inúmeros cumprimentos!

A largura das ruas é estreita. Os becos, apertados. O comércio, concentrado. A rede é imensa e rizomática. Todos estão conectados, um efeito em cadeia. *Sou Carol, filha do Jorge, neto da dona Maria. Maria, a esposa do Zé!* Rede sequencial. Quantos metros tem essa rede? Mensura-se pelos cumprimentos, *Opa, Zé! Como vai!?*

Exterior

A cidade é aglomerada, cheia de fachadas, sempre lotada, vida acelerada. *VIVO, CLARO, TIM, OI!!!* Vida corrida, escorrida. Passa entre os dedos como se fosse líquida. Ninguém espera pela vida. Sinal verde, atravesse. Sinal vermelho, atravesse. Sinal amarelo, para que serve? Quem vai reparar? Parar, respirar? Na cidade? Sei lá... Tenho que trabalhar, estudar, me formar. No exterior do corpo extenso, o mundo roda, gira e acontece. Ao mesmo tempo que o corpo envelhece, emagrece, dizem que cresce.

– *Dois caras na garupa bolados*

– *Quê?*

– *Olha, cuidado!*

– *Como?*

– *Ah, pronto... foi roubado.*

(Um tempo e uma caminhada se passa)

– *Cheguei ao meu apartamento. Vou pegar o elevador. Sexto andar, por favor. – Do lado, um homem parado, desconfiado.*

– *O que esse cara tava fazendo do lado de fora do prédio? iii... Essa porra tá de treta, quer ver? – Assim pensa o homem que chega do trabalho meio machucado, ralado, cansado.*

– *E ainda não entendi o porquê desse cara do meu lado...*

– *Sexto andar, senhor – diz o assessor.*

Um sai e o outro vai atrás. Aperta o passo, anda mais rápido como se fosse correr. Se sente como se tivesse em um programa de TV. Põe a mão na maçaneta, treme, meio que perdendo a cabeça. E o outro... nem o vê. Mas segue caminhando em sua direção, mexendo em alguma coisa em sua mão.

– *Caralho, tá trancado! Puta que pariu!, tá amarrado!*

E o outro chega perto e passa direto, quase que discreto. Entra na porta ao lado. O medroso respira, retoma a consciência. Finalmente entendeu que aquele jubileu é apenas mais um vizinho de anos que ele nunca conheceu. Entra em seu apartamento e senta-se em frente à TV, recomeça a ver a representação de um viver.

– Porra... essa vida mansa é tudo que eu gostaria de ter...

Nesse âmbito múltiplo, faço e percebo este trabalho. Fragmentado, marcado, temporizado, encarnado e impregnado de sentidos. Tudo aqui escrito é meu e sou eu. No entanto, não pretendo realizar uma escrita do meu Eu ou de minha história pessoal, muito pelo contrário, encontro ficcionado em minha carne aquilo que é comum ao sujeito moderno. Antes de mais nada, compreendo este escrito como uma obra política. E, para que se possa apostar neste trabalho politicamente, se faz necessário um direcionamento às teses de Walter Benjamin (2012), em um recorte da compreensão do que é experiência e pobreza. Nessa relação, aposto na notoriedade ontológica do comum. Enfim, trata-se de um processo que só é possível no reconhecimento da multidão, a mesma que marca os encontros que me trouxeram até aqui, os quais, por sua vez, me marcam enquanto sujeito. É sob essa direção ético-metodológica que se define a análise metalinguística deste capítulo.

Foi esse ato da escrita como manifestação da uma multidão em nossa constituição subjetiva que Conceição Evaristo (2019) chamou de “escrevivência”. A autora deixa explícita a encruzilhada entre os territórios, as memórias e a multidão que habitam nela, e é a escrita que assume a função de instrumento materializador de sua estilística existencial. Não à toa, ela declara:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. [...] Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (Evaristo, 2019, p. 17).

Nessa mesma direção “escrevívada” – manifestação ontológica do comum em ato escrito –, atento àquilo que é sentido em meu próprio corpo, compus a seguinte poesia:

“Checkpoints do genocídio: três ‘pês”

Na noite escura, preta
Pele marcada à caneta
Na favela mais uma perda

É polícia, corre! É treta!

Preto
que morre
Sangue que escorre
Apenas uma faceta
Mata-mata de roleta

A vida no morro é preta
Não importa a ideologia da camiseta
Dinheiro na maleta?
Só pra quem tá de terno e prancheta

Pobre
que diariamente vai à luta
Dia, tarde, noite e madrugada
Já nem liga para o estado da blusa
Quer mais não ser morto pelos trutas

*Levanta, vagabunda
Quero fuder sua bunda*

Assim ouve a prostituta

Prostituta

expurgada sem burca

Um corpo que madruga

Calada que machuca

Sabe que é mulher madura

Umás por prazer

E outras por não conseguir ler

Já não é mais possível saber

Quem vai pra conhecer

Ou que tá na luta pra ter o que comer

Julgamento certamente vão ter

Mas, no fim, só elas vão saber

Se nesta noite vão sobreviver

No terraço em Ipanema

A noite vai ser pipoca no cinema

Todo dia se repete a mesma lenda

História de quem conhece bem o esquema

Gritaria no portão:

– *LEVANTA A MÃO, VACILÃO!*

JÁ FALEI, VAI PRO CHÃO!

Um tapão...

Um bicudão...

Um socão...

Morre um ladrão...

Notícia de horror e terror

“Nessa madrugada morre um trabalhador”

Bala perdida o acertou

No velório

As amigas se despedem da Wanessa

Travesti que estava voltando da peleja

Preta, pobre e prostituta

Morta em meio à luta

No início de 2020, 100% dos mortos pela força policial em Cachoeiras de Macacu, Guapimirim, Petrópolis, Rio Bonito e Seropédica eram negros (FERREIRA, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos resultados alcançados na experiência escrita e no processo de construção do livro “Fragmentariedades de Sentidos para Novas Conexões” foi a observância do escrever como escopo expressivo de um aglomerado de sentidos, uma manifestação da estilística existencial e ontológica de quem escreve. Os fragmentos ali presentes estão em consonância com a produção do regime vigente, ou seja, meu corpo atua como intermediário do mundo externo - campo social, relações pessoais e culturais, modalidades de política que me constituem - e meu processo de invenção de mim - uma força de subjetivação.

Nos exercícios meditativos sobre a escrita, compartilhados com o grupo de iniciação científica mencionado anteriormente, constatamos um corpo intensivo repleto de sentimentos e cacos do mundo. Como resultado dessa operação de corpo no mundo, a escrita se apresenta como os restos que se conectam a outros, sempre desejanter de novas conexões. Portanto, se a escrita está sempre em vias desejanter de novas conexões, faz jus ao seu compartilhamento, o que significa compartilhar histórias e sentidos que não são nossos, mas que se impregnaram em nós em contato com o comum do mundo. Está aí, então, uma prática clínico-estético-política, uma escrita que performa a existência de uma multidão ontológica.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. 1. Obras escolhidas.
- BOTTON, A. **Como Proust pode mudar sua vida**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. 1. ed. Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G. **Conversações**. 3. ed. Editora 34, 2013.
- DELEUZE, G. **O que é filosofia?** 3. ed. Editora 34, 2020.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo**. 2. ed. Editora 34, 2011.
- DIVISÕES / Períodos da História. **Só História**. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2021. Disponível em: <<https://www.sohistoria.com.br/ef2/periodos/>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.
- EVARISTO, C. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.
- FERREIRA, L. Mapa indica que 81% dos mortos em operações no Rio são negros. **R7** – Rio de Janeiro. 16 jul. 2020. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/mapa-indica-que-81-dos-mortos-em-operacoes-no-rio-sao-negros-16072020>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2001. v. 2.
- FOUCAULT, M. **Subjetividade e verdade** (1981). São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- MOTTA, C.U.R.; MIZOGUCHI, D.H. As ontologias do comum e a psicologia social: fragmentos de uma aposta. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2019, v. 31, e188475. <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31188475>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.
- NIETZSCHE, F.W. **O Crepúsculo Dos Ídolos**. 1. ed. Hemus, 2001.
- PROUST, M. **Em busca do tempo perdido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (1948). Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

Submissão: setembro de 2023. Aceite: outubro de 2023. Publicação: fevereiro de 2024.